

DAR VOZ ... NARRATIVAS DA VIVÊNCIA DA VIUEZ NA TERCEIRA IDADE

Alexandra Nogal - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto

Joaquim Coimbra - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto

Palavras-Chave: Terceira idade; Viuvez; Narrativas

O projecto que aqui apresentamos tem como objectivo atingir uma compreensão do processo, ou processos, inerentes à vivência do luto, particularmente, do luto conjugal, numa fase tardia da vida. Será um trabalho desenvolvido no âmbito da terceira idade, nomeadamente, próximo da que já vivenciou a perda do companheiro de vida.

No que se refere à relevância deste estudo, urge compreender que o envelhecimento é um processo, ou uma fase, do nosso desenvolvimento enquanto seres humanos e daí, ser necessário um maior investimento no conhecimento aprofundado desta etapa da vida, com o objectivo de melhor se responder às tarefas e desafios com que ela se faz acompanhar. Deste modo, torna-se relevante a realização de investigação nesta área.

Em relação ao movimento narrativo no âmbito da investigação sobre terceira idade, o termo gerontologia narrativa surge pela primeira vez em 1994 por intermédio de Ruth e Kenyon, como paralelo ao termo, psicologia narrativa, utilizado por Sarbin e Bruner (Kenyon, 1999; Kenyon, 2001).

A narrativa gerontológica possui um conjunto de características ou pressupostos básicos. Em primeiro lugar, pressupõe a noção do ser humano como contador de histórias. Contar histórias é um elemento fundamental do ser humano, ele é uma história em si. As pessoas percebem, pensam e agem com base em histórias (Kenyon, 1999; Kenyon, 2001). À medida que envelhecemos, vamos-nos construindo, criamos-nos a nós próprios. Esta quase autoridade que temos perante a formação da nossa identidade existe através das histórias que nos rodeiam e que circulam em nós. As histórias que produzimos dizem respeito à nossa vida, como um todo, passado, presente e futuro (Kenyon, 1999; Kenyon, 2001; Randail, 2001).

Em segundo lugar, a narrativa gerontológica pressupõe que as histórias sejam um conjunto de factos e possibilidades o que implica que, por princípio, as vidas humanas estejam abertas à mudança (Kenyon, 2001; Randail, 2001). Em terceiro, implica que o significado e a natureza do tempo estejam associados às nossas vidas, enquanto histórias (Kenyon, 1999; Kenyon, 2001). Em quarto, pressupõe que as nossas vidas enquanto histórias, envolvam quatro dimensões interrelacionadas: dimensão estrutural; dimensão sociocultural; dimensão interpessoal; dimensão pessoal (Kenyon, 1999; Kenyon, 2001).

Por fim, a narrativa gerontológica pressupõe que uma história pessoal é, de certa forma, única, idiossincrática e não conhecida, na sua totalidade, para o próprio e para os outros.

A narrativa na gerontologia reflecte uma epistemologia pós moderna que utiliza a linguagem, o discurso e as histórias, não os factos, como pontos de partida para a pesquisa (Bay, 2002). A ideia central da narrativa gerontológica será a de que, nós não temos uma história mas, somos uma história. Mais do que corpos e cérebros, nós somos biografias. As histórias que vivemos são a essência da história que somos (Randail, 2001). O envelhecimento biográfico é tão complexo e vital quanto o envelhecimento biológico, tão válido para ser estudado e, no final, tão pertinente para a saúde das pessoas.

De acordo com Birren (2001, cit. in Bay, 2002), o interesse contemporâneo por histórias de vida, autobiografias e outras formas de narrativas pessoais, reflecte o desejo generalizado de preencher o hiato criado pela forma científica e experimental como se tem abordado o processo de envelhecimento. O mesmo autor reforça a sua opinião referindo que, para conseguirmos perceber o que é que faz com que a vida seja merecedora de ser vivida para estes indivíduos, basta perguntar-lhes. Não conseguiremos nunca os mesmos resultados através de metodologias sofisticadas ou, através de medições de factores biológicos de risco, aparência física ou testes de personalidade.

Recentemente, os investigadores têm procurado considerar as narrativas pessoais como meios de compreensão e adaptação à morte. A proposta narrativa está baseada em aspectos teóricos que nos asseguram a noção de que, indivíduos que experienciaram a morte de um ente querido, revisitam esse acontecimento de forma repetida bem como, as circunstâncias que lhe estavam associadas, durante o decurso de suas vidas (Capps e Bonanno, 2000). Para além do mais, a metodologia narrativa apresenta-se como um dos recursos mais poderosos para a recordação e reconstrução das experiências a nível pessoal (Capps e Bonanno, 2000).

Neste estudo, a partir de narrativas recolhidas junto de idosos a vivenciar o luto conjugal, tentamos reflectir sobre as múltiplas componentes de uma vida em comum e que, na morte do outro, se configura como a última página do romance da existência: a nossa própria morte.

Referências

- Bay, R. (2002). The search for meaning in old age: Narrative, narrative process, narrativity, and narrative movement in gerontology. *The Gerontologist*, 42, 131-141.
- Capps, L., & Bonanno, G. (2000). Narrating Bereavement: Thematic and Grammatical predictors of Adjustment to Loss. *Discourse Processes*, 30, 1-25.
- Kenyon, G., Ruth, J., & Mader, W. (1999). Elements of a narrative gerontology. In V. L. Bengtson, & K. W. Schaie (Eds.), *Handbook of Theories of Aging* (pp. 40-58). New York: Springer Publishing Company.
- Kenyon, G., & Randall, W. (2001). Narrative Gerontology: An overview. In G. Kenyon, P. Clark & B. Vries (Eds.), *Narrative Gerontology: Theory, Research and Practice* (pp. 3-18). New York: Springer Publishing Company.
- Randall, W. (2001). Storied worlds: Acquiring a narrative perspective on aging, identity and everyday life. In G. Kenyon, P. Clark, & B. Vries, (Eds.), *Narrative Gerontology: Theory, Research and Practice* (pp. 31-62). New York: Springer Publishing Company.